

'Quem estiver do nosso lado vai ganhar'

■ Fernando Henrique aposta que aliados serão vitoriosos nas eleições de 98 se desempenho do governo deixar brasileiros contentes

São Paulo — Armando Favaro

VASCONCELO QUADROS*

SÃO PAULO — O presidente Fernando Henrique Cardoso mandou ontem um recado aos caciques do PSDB e do PFL que interpretaram seu encontro com o ex-prefeito Paulo Maluf (PPB) como uma guinada política em busca de novos apoios à reeleição. "O que que os partidos que apoiam o governo têm que fazer? É o que estão fazendo. Apoiar as coisas que forem boas e criticar as que forem ruins. Não estamos numa época em que governador, presidente ou senador vão interferir aqui ou ali. Vamos é pensar no país. Se o país estiver contente com o que estamos fazendo, quem estiver do nosso lado vai ganhar", disse o presidente.

Fernando Henrique afirmou ter explicado a todos os líderes do PSDB que o encontro com Maluf foi um fato normal, sem relação com as disputas que envolvem seus correligionários. "Esse é um episódio ultrapassado", descartou, negando que esteja costurando bases políticas para a eleição de 1998. "Eu não estou em campanha. Vocês é que estão", reagiu aos jornalistas. "Estou preocupado com as mudanças e em acelerar as reformas", acrescentou, em curta entrevista depois de participar, pela manhã, no Hotel Transamérica, da 1ª Conferência Internacional para Integração e Desenvolvimento, promovida pela Confederação Nacional dos Transportes. O presidente permaneceu menos de duas horas em São Paulo e voltou a Brasília logo após abrir a solenidade.

Real — O encontro com os empresários de transporte acabou se transformando em festa pelos três anos do Plano Real — tema de pronunciamento transmitido à noite por rádio e TV. Nas declarações que deu ao chegar ao hotel, Fernando Henrique disse que, depois de consolidar o plano, o país vai enfrentar o desafio de implantar um programa de crescimento econômico que gere novos empregos e garanta o desenvolvimento de suas potencialidades. "Estamos entrando numa fase de crescimento que nos próximos anos será mais visível. Crescimento é bom quando o povo se sente bem".

Mais tarde, em discurso de uma hora, o presidente rebateu as críticas de baixo desempenho do governo na área social, sustentou que o Brasil não terá mais sobressaltos e que a estabilidade econômica continuará sendo a meta principal do governo. "Não vou me afastar do controle inflacionário por nenhum desvio. Não adianta virem falar sobre o social, porque é mentira. Não haverá social sem moeda forte. Levei minha vida toda lutando por uma base de igualdade e continuo. Os que falam contra querem evitar que se universalizem as vantagens das coisas", arrancou aplausos de empresários brasileiros e estrangeiros.

Fernando Henrique afirmou que não está preocupado com as pesquisas que medem sua popularidade, mas em fazer o que acha certo. Disse que o real restabeleceu a confiança do brasileiro e apontou um hori-



Fernando Henrique considera ultrapassado encontro com Maluf e pede que partidos que apoiam o governo critiquem as coisas ruins

zonte previsível de desenvolvimento econômico. "O Brasil cansou de zigue-zague. Não tem mais quem escute aqueles que estão à beira do abismo sempre dizendo que vai cair"; criticou. Ele lembrou, no entanto, que é necessário o Congresso Nacional acelerar as reformas e citou como uma das mais importantes a da Previdência.

O presidente observou que o país está diante do grande desafio de crescer olhando para as mudanças globais que estão se processando no mundo inteiro. Disse que, no novo processo de globalização, uma fábrica de aviões tem mais importância estratégica do que exportar minérios. Mas destacou que a globalização impõe desafios e riscos. "Os que choram pelo risco deixam de ver as oportunidades. E os que só enxergam oportunidades não percebem que também há riscos".

Fernando Henrique desembarcou às 10h no Aeroporto de Congonhas e deslocou-se de helicóptero até o Hotel Transamérica, onde foi recebido pelo governador Mário Covas. Ao meio dia, embarcou de volta para Brasília. O presidente estava

RECADOS

"Se o país estiver contente com o que estamos fazendo, quem estiver do nosso lado vai ganhar".

"Não vou me afastar do controle inflacionário por nenhum desvio. Não adianta virem falar sobre o social que é mentira. Não haverá social sem moeda forte".

"O Brasil cansou de zig-zag. Não tem mais quem escute aqueles que estão à beira do abismo sempre dizendo que vai cair".

"Se não reformar, os que hoje não são idosos não terão previdência. O Congresso não pode votar com meia dúzia de lobbies".

"Queremos um Brasil que não seja avestruz e nem caranguejo, que não ande nas costas ou com a cabeça enfiada na areia".

acompanhado dos ministros Sergio Motta (Comunicações), Antônio Kandir (Planejamento), Lélío Lobo (Aeronáutica) e Eli-seu Padilha (Transportes). que, por uma gafe do cerimonial, só foi chamado à mesa das autoridades em meio à solenidade. Também participaram da cerimônia o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP) e os líderes do PFL, senador Elcio Alvares e deputado Inocêncio de Oliveira.

Pronunciamento — Além de pedir que o Congresso vote as reformas e reafirmar o compromisso de manter a inflação sob controle, o presidente Fernando Henrique enfatizou no pronunciamento à Nação, à noite, os avanços sociais alcançados pelo governo. "Preciso principalmente que o Congresso vote as reformas que permitirão acelerar o crescimento, diminuindo o endividamento do governo e, com isso, as taxas de juros", conclamou.

O presidente chegou a aconselhar os brasileiros a não acreditar naqueles que afirmam que a reforma da previdência vai suprimir direitos dos aposentados. "Não

acredite. Dei instruções aos líderes do governo no Senado para apoiarem o relatório do senador Beni Veras. Na proposta do relator, vai ficar claro que o valor real da aposentadoria será mantido", prometeu.

Estas foram as declarações de maior conteúdo econômico de todo o pronunciamento, juntamente com a constatação de que a economia cresceu 14% e de que a inflação "continua caindo". De resto, o presidente centrou seu discurso nos aspectos sociais. É exatamente na área social que o governo recebe as maiores críticas ao seu desempenho.

"De todas as vantagens do Real, a que mais fala ao meu coração é ter permitido que cerca de 13 milhões de pessoas ultrapassassem a linha da pobreza", afirmou. Segundo Fernando Henrique, a taxa da população pobre caiu de 33%, em 1994, para 25% em 1996. O presidente disse também que a taxa de mortalidade infantil caiu 40% nos Nordeste, entre os municípios incluídos no Programa Comunidade Solidária, e que o índice de matrículas no segundo grau aumentou 14% nos últimos dois anos. "É preciso avançar mais ainda. Os brasileiros não admitem que um país com as riquezas e as potencialidades do nosso tenha ainda tanta injustiça, tanto desrespeito aos direitos humanos — o primeiro dos quais, o direito a uma vida decente", assinalou.

Mesmo negando "uma escalada do desemprego", Fernando Henrique reconheceu que, "em certas áreas, por causa de inovações tecnológicas que são indispensáveis para baratear a produção e pelo deslocamento de empresas para outras regiões, o desemprego atormenta as famílias". Por esta razão, segundo o presidente, estão sendo investidos R\$ 31 bilhões nas áreas social e de infra-estrutura. Além de citar os investimentos feitos em estradas, metrô e hidroelétricas, Fernando Henrique afirmou que a construção civil está sendo dinamizada: "A Caixa Econômica Federal estará assinando mais ou menos mil contratos de financiamento de casas por dia".

"Estamos também utilizando recursos do Fundo de Assistência ao Trabalhador (FAT) em vários programas de qualificação e treinamento para que os trabalhadores possam deslocar-se para novos empregos", informou. Ele disse ainda que o Proger, programa para gerar empregos apoiando a pequena e média empresa, está gerando 570 mil empregos.

Ao pedir que sejam votadas as reformas no Congresso — administrativa e previdenciária —, o presidente afirmou que pretende acabar com os "abusos, com os privilégios". Disse que atualmente a "maioria (dos servidores) ganha mal e o governo não tem recursos para dar-lhes aumento. Por isso, pedi que houvesse um teto salarial e um sub-teto para que os governadores e prefeitos possam coibir abusos. Infelizmente, a minoria da Câmara derrubou o sub-teto, mas no Senado vamos tentar corrigir isso", informou.

* Colaborou Clarissa Fossi, de Brasília